

Jazz

19 Junho '09

Ciclo 'Isto é Jazz?'

Comissário: Pedro Costa

Rafael Toral, John Edwards e Tatsuya Nakatani

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Rafael Toral Amplificador MT-10 modificado, sintetizador modular e circuito de ressonância modulada

John Edwards Contrabaixo Tatsuya Nakatani Percussão

Sex 19 de Junho

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h00 · M12

Extra-Programa

É um Rafael Toral bem diferente daquele que conhecemos em discos como *Aeriola Frequency* e *Violence of Discovery and Calm of Acceptance* que vamos ouvir na Culturgest. Abandonada a guitarra e a *drone music* que o caracterizava, o músico de Lisboa descobriu no jazz e na electrónica “lo-fi” os âmbitos de uma profunda transformação do seu labor artístico: “Decidi mudar de direcção porque esgotei as possibilidades de pesquisa que me interessavam. A continuar, ter-me-ia tornado igual a mim próprio, cada vez com menos capacidade para apresentar algo de novo. A principal inversão foi substituir o som contínuo pelo silêncio como ponto de partida para uma música radicalmente descontínua.” Toral definiu todo um sistema para essa nova música e deu-lhe um nome: Space Program. Não já o espaço sugerido pelo carácter “cósmico” das suas anteriores produções, mas o espaço mais concentrado que se encontra no próprio mundo dos sons. A este nível, a capa de *Space*, o primeiro da nova série de álbuns que tem editado com a nova orientação, é um *clin d’oeil*: parece um céu povoado de estrelas, mas trata-se, na verdade, de poeira.

Quem tinha presente o tipo de manipulações de estúdio a que procedia na sua primeira fase criativa, ficou surpreendido com a opção de Toral pelos sintetizadores modulares e por aparelhos adaptados (um pequeno amplificador, por exemplo) com um espectro sonoro muito reduzido. A explicação: “É um paradoxo que a informática musical, com as suas capacidades infinitas, opere maioritariamente num âmbito estético

muito estreito. Entendo que é fundamental para estabelecer um léxico e um discurso a opção por um instrumento que tenha uma identidade e um comportamento muito claros. Entendo que colocar opções de parte é a primeira coisa a fazer quando se pretende trabalhar em electrónica. Há que considerar que o Space Program opera na música electrónica numa direcção diferente das linhas de pesquisa predominantes da sua história, nomeadamente a busca de articulações sonoras cada vez mais complexas, a utilização de sistemas mecânicos ou generativos e ainda de estratégias laboratoriais de composição em estúdio. O instrumentário com identidade sónica clara é mais apropriado para a pesquisa das possibilidades de fraseado. Foi por isso também que suspendi o uso da guitarra. Tornou-se excessiva para este fim.”

A associação que Rafael Toral agora apresenta com John Edwards e Tatsuya Nakatani não integra o plano de trabalhos que estabeleceu: “Tudo o que faço hoje em *performance* é uma manifestação do Space Program. Logo, o que eu tocar neste concerto será abrangido por essa condição. Mas devo deixar bem claro que o Space Program, neste caso, informa exclusivamente a minha própria actuação e não tem relação com as decisões dos outros músicos. Isto porque esta formação não é dirigida por mim, é antes um trio sem hierarquia, um encontro de três músicos.”

Edwards e Nakatani são figuras de proa da música criativa dos nossos dias. O britânico será, talvez, o mais incontornável dos contrabaixistas do jazz avançado de Londres, um ritmista preciso no acompanhamento e um solista inventivo e de vocação exploratória. Depois

de, nos anos 1990, se ter afirmado em grupos como God e B-Shop For the Poor, tornou-se num parceiro regular de Evan Parker, Verryan Weston e Tony Bevan, tendo constituído com o batedorista Mark Sanders uma muito requisitada secção rítmica. O japonês é um percussionista original, conhecedor tanto da ancestral tradição do seu país como dos vocabulários do jazz e das músicas urbanas. Com um interesse especial pela percussão metálica (címboles, gongos, taças, sinos), muitos dos instrumentos que utiliza são por si criados. Tocou já com uma grande variedade de músicos, como Ken Vandermark, Billy Bang, Fred Van Hove, Michel Doneda, Assif Tsahar e Peter Kowald.

Toral vota a ambos um grande respeito, e daí o convite para esta apresentação pública: “Há muito que ambicionava tocar com Tatsuya Nakatani, o que já aconteceu na minha recente digressão americana. É um músico que admiro imenso, pela elegância da sua paleta tímbrica e, acima de tudo, pela precisão estonteante com que toca. Ao surgir esta oportunidade, considereei que seria acertado, numa óptica de arranjo colectivo, contar com um contrabaixista. Cumprimentei John Edwards num concerto dele a que assisti e disse-lhe que era um dos raros músicos que me davam vontade de, mais do que felicitá-los, agradecer-lhes pela excelência do seu trabalho. Acho que a destreza e a versatilidade dele são absolutamente admiráveis. O que espero de ambos? Basta-lhes ser quem são. A sua companhia constitui um grande desafio e obriga-me a um grau máximo de exigência...”

Mas, do que trata concretamente o Space Program de que vimos falando?

De parâmetros muito específicos que chamavam naquilo a que Toral vem fluando de “música electrónica pós-*free jazz*”. Um factor a considerar diz respeito ao *performer*, e quanto a este o que está em causa é a fisicalidade da acção, devendo-se entender neste âmbito a criação de música electrónica como uma performance física, com o controlo dos instrumentos através do gesto. Também em equação está a natureza discursiva da música, com ênfase no fraseado e na sua relação directa com o silêncio, tudo o que acontece derivando de uma lógica estabelecida e não de factores externos. Um segundo aspecto tem que ver com os instrumentos utilizados. Estes são experimentais, e por isso de funcionamento pouco previsível: “Há uma tensão permanente entre a acção e o resultado, num trabalho contínuo de adaptação. Estes instrumentos são de espectro livre, o que quer dizer que não utilizam escalas, modos, acordes ou estruturas semelhantes. Toda a gama do espectro sonoro é livremente utilizada, o que leva à elaboração de um léxico novo próprio para cada instrumento, desalinhado com a cultura técnica convencional e a carga histórica correspondente.”

O Space Program implica ainda particulares noções quanto ao tempo e ao espaço. Toral refere-se ao “campo unificado do espaço”, uma visão do espaço universal “como referência permanente para decisões de *performance* e como critério de estruturação de discurso, designadamente por partes e por relações entre o micro e o macro”. Assim, “toda a gama que vai da rarefacção à saturação é livremente utilizada, com o som e o silêncio a ganharem igual

importância no discurso, como matéria significativa e interactiva”.

A perspectiva que tem de uma “música electrónica pós-*free jazz*” é informada pelos desenvolvimentos no jazz posteriores ao *free*, excluindo o jazz-rock: “Ou seja, formas do jazz que usam métricas irregulares e um campo aberto de frequências, dispensando “temas”, seqüências de acordes, etc. A ‘música electrónica pós-*free jazz*’ leva estes desenvolvimentos para além dos possibilitados pelos instrumentos tradicionais, concebidos para tocar “notas”. Pretendo que a música do Space Program seja orgânica e livre de grelhas, tanto a horizontal (usando todo o campo das frequências) como a vertical (o tempo como um campo de acção sem divisões regulares).”

Os puristas do jazz têm dificuldade em aceitar como tal as propostas deste singular músico, mas Toral é muito objectivo na definição do seu projecto: “Como em quase tudo na nossa cultura atomizada, não acredito numa linha que separe o jazz do não-jazz, mas sim numa larga faixa de interpenetração entre o jazz e outras culturas. Para mim, o jazz é uma afirmação musical de mudança, evolução, inconformismo, pesquisa e até experimentação. O jazz continua a ter os *blues* como raiz, e embora a minha música pouco tenha que ver com blues, emprego a noção de ‘chorus’, que é anterior aos blues mas central nestes. O fraseado e o ‘swing’ são outras noções do jazz fundamentais no meu trabalho. De resto, se olharmos o jazz em abstracto veremos um sistema musical que permite ao executante tomar as suas próprias decisões, o que é um factor crucial no Space Program, para todos

os efeitos uma matriz para tomada de decisões disciplinadas. Tudo isto com uma abordagem muito pessoal e com uma paleta de recursos musicais própria, aquilo que em jazz se chama ‘concepção’, o ‘som’ do músico.”

A uma primeira audição, poderá parecer que as actuais propostas de Rafael Toral tenham mais ligações com a chamada música improvisada do que propriamente com o jazz, mas assim não é: “Cheguei a uma distinção muito simples entre ‘jazz’ e ‘música improvisada’. Ambos são práticas musicais baseadas na tomada de decisões. No caso do jazz, estas surgem dentro de um sistema, enquanto na música improvisada o sistema é posto de lado. Prefiro tomar decisões em ‘sistema’, pelo que me aproximo mais do jazz. De resto, entendo a ‘improvisação’ como resolução instantânea de problemas, e há no que faço, de facto, uma componente que envolve improvisação, que é o lidar com a natureza imprevisível dos instrumentos, os elementos de incerteza, de caos.” As propostas do projecto Space também podem ser entendidas como experimentais, mas não é essa a perspectiva colocada em prática: “A minha música é feita de rigor. Existe, de facto, uma acção de índole experimental em cada instante, mas o pensamento que a conduz é inteiramente composicional. Tanto em micro-forma (fraseado) como em macro-forma (a ‘curva’ total de uma performance), essa acção é consciente e intencional – o menos experimental possível, portanto...”

Mesmo que fora do âmbito exclusivo do Space Program, a colaboração que traz até nós John Edwards e Tatsuya Nakatani vem na sequência de outras já

vividas por Rafael Toral e denota bem a internacionalização do estatuto deste como músico. A lista de nomes é impressionante: Phill Niblock, Lee Ranaldo, o grupo de “avant rock” Sonic Youth, Alvin Lucier, John Zorn, Christian Marclay, Jim O’Rourke, Rhys Chatham, Joe Morris, a orquestra electrónica MIMEO, Evan Parker, David Toop, Dean Roberts... Em Portugal, os seus parceiros mais habituais têm sido Sei Miguel (músico que elogia sem reservas, tendo dele adoptado algumas premissas - “não haveria Space Program sem o seu contributo”, declarou já em entrevista), Fala Mariam, César Burago, Manuel Mota, João Paulo Feliciano e Afonso Simões. Se alguma vez se entendeu que Toral estaria a aventurar-se numa cruzada solitária, o concerto da Culturgest será uma demonstração mais de cooperativismo.

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta, editor da revista *jazz.pt*

Rafael Toral

É um músico e artista que se notabilizou pelo trabalho com guitarra e electrónica, tendo sido considerado nos anos 1990 pelo Chicago Reader “um dos guitarristas mais dotados e inovadores da década”. Colaborou com John Zorn, Jim O’Rourke, Alvin Lucier, Roger Turner e Evan Parker, mantendo uma importante e duradoura relação de trabalho com Sei Miguel. Em 2000, decidiu que a linha de trabalho que seguia estava completa, terminando por exigência artística um percurso de reconhecimento internacional. Em 2004 lança o Space Program, uma pesquisa de longo curso sobre *performance*, silêncio, disciplina e estruturação de discurso musical com instrumentos electrónicos experimentais, numa abordagem marcada pelo valor da expressão física do corpo. Traçando uma linha de trabalho sem precedentes conhecidos, estabelece a “música electrónica pós-*free jazz*” como campo de acção. É membro da orquestra electrónica europeia MIMEO desde 1998, e produziu em 2003 a primeira Antologia de Música Electrónica Portuguesa. Em 2008 estreia o Space Collective, formação colectiva do Space Program.

John Edwards

Sempre esteve envolvido com uma grande diversidade de estilos musicais. Tão à-vontade com a música escrita como com a improvisação absoluta, Edwards é um dos mais solicitados músicos da cena jazzística Londrina ao lado de Evan Parker, John Butcher, Peter

Brotzmann, Sunny Murray, Louis Moholo, Lol Coxhill, Ingrid Laubrock, Charles Hayward e muitos outros. No entanto, a sua arte também pode ser encontrada em projectos tão díspares como os God, B-shops for the Poor, John Wall, Spring Heel Jack e FunDaMental. O seu nome figura em mais de 80 gravações e muito recentemente editou o seu primeiro CD em contrabaixo solo.

Tatsuya Nakatani

É originário de Osaka, Japão, e é um dos mais originais percussionistas do mundo, inventando muitos dos instrumentos que toca e muitas técnicas extensivas. Do seu set de percussão fazem parte bateria, pratos, sinos, *bowed gongs*, *singing bowls* e muitas percussões de metal e arcos para criar uma música intensa e orgânica que desafia categorias ou géneros. O seu idioma original é baseado na música experimental e improvisada, jazz, *free jazz*, rock, *noise* e ainda utiliza o espaço e a beleza da música tradicional japonesa. Tocou um pouco por todo o mundo nomeadamente em instituições de referência como a Smithsonian Institution, Kennedy Center, Chicago Cultural Center, Modern Art Museum of Fort Worth, Japan Society, Krannert Art Museum.

Jerusalém

Ópera de câmara de Vasco Mendonça

Libreto de Gonçalo M. Tavares

Encenação de Luis Miguel Cintra



Ópera Sex 3, Sáb 4 Julho

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h20 · M12

Direcção musical Cesário Costa

Encenação e cenário Luis Miguel Cintra

Desenho de luz Daniel Worm

Intérpretes Theodor Busbeck Luís Rodrigues

Mylia Busbeck Alexandra Moura

Ernst Spengler Manuel Brás da Costa

Kaas Busbeck Manuel Ferrer Hanna Inês Madeira

Hinnerk Obst João Rodrigues

Orquestra Metropolitana de Lisboa

O mundo de *Jerusalém* é um mundo habitado por seres incompletos, mutilados, em queda. Prisioneiros da memória, transportam com eles sinais inconfundíveis do que são, de onde vêm, movendo-se e agindo no presente por reacção a um passado de escuridão que se recusa a adormecer.

Das suas vidas, é-nos dada a conhecer uma noite (e o que a prepara), porventura a única noite: a noite do sacrifício, a noite da revelação. A noite em que, cedendo ao peso da sombra, entram em colisão, cumprindo finalmente o seu destino.

Em *Jerusalém*, este universo expressivista é-nos mostrado por uma linguagem

rigorosa, quase científica, em que redução e objectividade são factores essenciais; uma linguagem para além da moral, em que o mundo dos sentidos se revela abruptamente pelas palavras da razão.

Desvendar a música da noite e dos seres de *Jerusalém* é traduzir este equilíbrio para uma outra linguagem. Consciente dos limites da inteligibilidade na tradução artística, sinto particularmente próximas as questões levantadas por *Jerusalém*; o seu universo narrativo algures entre um passado longínquo e um presente cada vez mais urgente e ainda por definir; a sua linguagem objectiva e precisa que descreve objectos de grande expressividade; por fim, a sua deliberada recusa em propor uma moralidade, preferindo uma observação silenciosa e atenta.

Vasco Mendonça

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Carmo Rolo

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Filipa Ferro estagiária

Patrícia Paixão estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direcção Técnica

Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
